

TÍTULO: EDUCAÇÃO POPULAR E A REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA

Juliana Cristina de Mello[1]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo: Este trabalho investiga a relação entre Educação Popular e a Rede Ecovida de Agroecologia, buscando compreender sua manifestação na organização de Grupos e Núcleos. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica em bases de dados acadêmicas e literatura cinzenta da Rede. A análise de conteúdo revelou que, embora muitos estudos abordem aspectos formativos da Rede alinhados à Educação Popular (como horizontalidade, participação e valorização do saber popular), poucos a discutem explicitamente. A tese de Nunes (2012) se destaca, abordando a "Educação Popular Ecológica" como fundamento. Concluímos que as práticas da Rede Ecovida, como a certificação participativa, feiras e intercâmbios, forjam produtores agroecológicos conscientes e responsáveis, evidenciando sua relação pedagógica com a Educação Popular. Contudo, questionamos a carência de estudos que aprofundem a atuação da Rede como formadora na perspectiva da Educação Popular. Será que essa prática não é central, não se refletindo em teorias? É possível que a Rede Ecovida alcance seus objetivos sem uma práxis de Educação Popular que promova luta, organização e formação política? Acreditamos que responder a essas questões é fundamental para aprimorar as estratégias formativas da Rede e fortalecer sua contribuição para um movimento agroecológico popular e emancipatório.

Palavras-chave: Educação Popular; Agroecologia; Certificação Orgânica.

Introdução

Este trabalho propõe-se a investigar a intersecção entre a Educação Popular e o processo de certificação orgânica na Rede Ecovida de Agroecologia. Nosso objetivo central é compreender, por meio de uma revisão de literatura, como a Educação Popular se manifesta e influencia a organização dos Grupos e Núcleos da Rede nesse processo certificador. O interesse por essa temática emergiu da participação da autora, que é educadora, na disciplina de Agroecologia e Certificação Orgânica do Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da UFFS, sendo especialmente motivado pela conferência proferida por

[1] Licenciada em Educação do Campo e Mestra em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável pela *UFFS. E-mail: org.trab.juliana@gmail.com.*



Marcelo Passos sobre a Rede[2] em 2022, cujos elementos serão posteriormente abordados neste texto.

Ao estudar a Rede Ecovida durante a disciplina, a autora lançou um olhar curioso para a organização das famílias agricultoras mediada pela Rede. Acreditava-se que haveria conexões político-pedagógicas entre essas práticas e a Educação Popular. Levantou-se, portanto, a hipótese de que as atividades da Rede Ecovida contribuem para a formação de sujeitos capazes de exercer o poder popular (Nogueira & Freire, 1993). Para verificar se essas relações já foram objeto de pesquisas científicas, realizou-se uma revisão bibliográfica que reuniu informações de diversas fontes acadêmicas.

Metodologia

Este trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica, abordagem metodológica caracterizada por Gil (1991) como aquela desenvolvida a partir de materiais já publicados, permitindo a análise de diferentes perspectivas sobre um tema. Dessa forma, objetivou-se resgatar e analisar as discussões acadêmicas acerca da Educação Popular e da Rede Ecovida de Agroecologia. A busca por artigos científicos foi realizada no ano de 2022 nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Capes, Portal de Teses e Dissertações da Capes e Google Acadêmico. Utilizou-se a seguinte *string* de busca: "Certificação Orgânica" AND "Rede Ecovida" AND "Educação Popular".

Foram recuperados 53 artigos iniciais. O processo de seleção envolveu filtragem eliminatória por leitura de títulos, análise de resumos e palavras-chave, e leitura integral dos textos pertinentes. Após essa triagem, 7 (sete) artigos foram selecionados como corpus principal da pesquisa, por estarem em consonância com os termos pesquisados, nem todos citando o termo Educação Popular, mas ao menos, trazendo reflexões acerca das dimensões educativas da Rede Ecovida de Agroecologia. Por fim, adotou-se o procedimento de leitura seletiva e análise de

[2] No texto, os termos Rede e Rede Ecovida são usados como sinônimos para Rede Ecovida de Agroecologia.



conteúdo para examinar os elementos identificados nos artigos selecionados. Uma síntese do que foi encontrado, apesenta-se na sessão de resultados e discussões.

Para contextualizar as discussões deste trabalho, foram incorporadas algumas literaturas e fontes de literatura cinzenta. Estas últimas, que incluem materiais não publicados em canais formais, foram indicadas por profissionais vinculados à Rede Ecovida. Entre esses documentos, destacam-se cartilhas educativas produzidas pela Rede, informações de sites e uma fala transcrita a partir da participação em um evento.

Contextualização

No contraponto da agricultura hegemônica carregada de um pacote de agroquímicos, processos de degradação ambiental e social causadora de uma repressão dos pequenos agricultores e principalmente da agricultura familiar, encontra-se movimentos sociais, ONGs, entre outras organizações que buscam reconstruir com premissas da agroecologia as relações da sociedade com o meio ambiente. A Rede Ecovida de Agroecologia destaca-se neste como um grande espaço de encontro e fomento destas.

A Rede Ecovida de Agroecologia, atuando na Região Sul do Brasil e no Sul de São Paulo, configura-se como um importante espaço de articulação para o desenvolvimento da agroecologia. Caracteriza-se por um sistema de funcionamento que prioriza a horizontalidade e a descentralização em seu extenso alcance territorial. Cada núcleo estadual, integrado à rede maior, é composto por organizações de agricultores e possui autonomia para incluir novas entidades e tomar decisões adaptadas à sua localidade. A estrutura começa com as famílias, que se articulam em suas comunidades para identificar problemas, construir demandas e elaborar estratégias, como cooperativas, grupos e associações. Esses grupos de famílias, ao se unirem, formam os núcleos, cuja atuação abrange a interação de agricultores com cooperativas de consumidores, entidades de assessoria, cooperativas de agricultores, pequenos comerciantes e processadores. A união desses núcleos, por sua vez, constitui a Rede Ecovida (Rede Ecovida, 2025).



Isaguirre- Torres (2012) destaca que a Rede Ecovida possui uma proposta que não restringe a sua atuação e objetivos ao aspecto da certificação de produtos orgânicos. Justamente por este motivo, denomina-se Rede Ecovida de Agroecologia. “[...] no sentido de afirmar a agroecologia como um conjunto de práticas sustentáveis e uma estratégia de ação política para a agricultura familiar” (Isaguirre- Torres, 2012, p.100), como parte da construção de um projeto de sociedade que contemple e respeite a realidade de cada povo (Isaguirre- Torres, 2012).

A Educação Popular, originária e ressignificada pelos movimentos sociais de resistência na América Latina, é uma concepção educacional que, embora possa permear processos formais, é muito mais abrangente. Ela se caracteriza como uma educação "do povo para o povo", focada nas demandas e interesses coletivos, e busca formar sujeitos protagonistas de suas próprias histórias através das matrizes da luta e organização coletiva. Conforme Paludo (2015), o aspecto político e pedagógico da Educação Popular é inseparável, conectando as práticas educativas à construção de um projeto popular e emancipatório de formação humana e sociedade. Nesse contexto, "As pessoas se educam entre si, criam formas para fazer com que o saber, as ideias, as crenças se tornem um bem comunitário, pertencente a todos, como tudo que é construído pelo trabalho e durante a vida da comunidade" (Tardin, Travassos, 2021, p. 376). Nogueira e Freire (1993) complementam que a Educação Popular representa um esforço de mobilização, organização e formação das classes populares, que vai além da capacitação científica e técnica, abrangendo também a capacidade de exercício do poder popular.

Muitos dos objetivos da Rede Ecovida de Agroecologia se alinham à Educação Popular, em especial no que tange à autonomia e ao protagonismo de seus membros. Dentre eles, destacam-se a garantia da identidade popular e transformadora na construção da agroecologia, que abrange dimensões sociais e culturais; a resposta coletiva a desafios concretos, fomentando a participação em questões políticas e técnicas; e a promoção de espaços de formação e a elaboração de materiais na área da agroecologia e educação no campo. Além disso, a Rede se propõe a fomentar o intercâmbio, o resgate e a valorização do saber popular,



reconhecer e respaldar mutuamente seus membros, e organizar-se em rede sem hierarquias, com base em princípios definidos coletivamente. Por fim, a Ecovida busca aproximar solidariamente famílias do campo e da cidade e ser parte ativa nas lutas amplas de transformação social, visando uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável (Rede Ecovida, 2025).

A metodologia participativa de certificação implementada pela Rede Ecovida de Agroecologia, no contexto da Educação Popular, possibilita que as pessoas se identifiquem com o processo da Rede e se sintam como sujeitos coletivos. Essa compreensão como sujeitos coletivos é, segundo Passos (2022, informações verbais), um princípio essencial para a apreensão do mundo e um dos primeiros elementos para o desenvolvimento de uma consciência de classes. Nesse sentido, os grupos de base da Rede Ecovida, dos quais todos os agricultores fazem parte, possuem um forte caráter formativo e organizativo. Nesses espaços, os participantes resolvem seus problemas coletivamente, exercitam suas capacidades de gestão e se reconhecem como produtores de conhecimento. A participação e as iniciativas populares dos agricultores camponeses são, portanto, elementos cruciais na construção da agroecologia, pois são eles que, de fato, edificam esse novo projeto de campo (Passos, 2022, informações verbais).

Diante do exposto, fica evidente que a Rede Ecovida de Agroecologia transcende a mera certificação de produtos orgânicos. Sua estrutura horizontal e descentralizada, que valoriza a autonomia local e a articulação dos grupos de base, não apenas fomenta a adoção de práticas agroecológicas, mas, fundamentalmente, promove educação. Ao instigar agricultores que se reconhecerem como sujeitos coletivos, resolverem problemas em conjunto e exercitarem a gestão de seus próprios processos, a Rede Ecovida constrói um projeto de formação, que vai além de reafirmar a agroecologia como um conjunto de práticas sustentáveis, e sim, como uma estratégia política de transformação social.

Resultados e Discussão

Dentre as literaturas científicas, foram selecionadas por abranger as temáticas as seguintes: uma monografia de Maia (2018); dois artigos, um de



Balbinotti e Ties (2019) e outro de Meirelles (2007); duas dissertações de mestrado, de Engelmann (2018) e Stumm (2008); e duas teses de doutorado, de Isaguirre-Torres (2012) e Nunes (2012).

A análise de conteúdo dos materiais aqui incluídos demonstra que, embora os espaços e processos formativos e pedagógicos da Rede Ecovida sejam frequentemente abordados em sua dinâmica não formal de educação na construção da agroecologia, e que se enquadrem dentro dos princípios, métodos e ações da Educação Popular, a maioria dos trabalhos não discute tais abordagens a partir desse conceito. Mesmo que a Educação Popular seja tratada de forma implícita, ou apenas citada sem aprofundamento, é possível destacar alguns elementos encontrados no conjunto de materiais analisados.

O único trabalho selecionado que analisa a Rede Ecovida de Agroecologia de forma explícita, com referência incisiva à teoria da Educação Popular, é a tese de Nunes (2012). O autor ressalta que uma das características que identificam a Rede é o caráter educativo de sua dinâmica organizativa e de seu funcionamento, que busca ser descentralizado, valorizando o intercâmbio de experiências e a cooperação. Contudo, a própria Rede não utiliza o conceito de Educação Popular para referenciar suas práticas educativas (Nunes, 2012).

Nunes (2012) explicita nos resultados de sua pesquisa que um dos fundamentos teóricos e políticos da prática educativa da Rede Ecovida de Agroecologia é a Educação Popular. Em sua tese, o autor desenvolve a ideia da "Educação Popular Ecológica", uma adaptação dos fundamentos da educação popular e da teologia da libertação às condições e necessidades de uma agricultura ecológica militante, considerando as condições históricas sob as quais essas práticas educativas se produzem.

Isaguirre-Torres (2012) destaca a finalidade pedagógica da participação popular na metodologia da certificação participativa da Rede Ecovida, que educa para a afirmação de um sujeito de direitos e para a cidadania. Este processo, no entanto, encontra limites na legislação, o que dificulta a versatilidade desse aprendizado.



Meirelles (2007) assinala que um dos princípios comuns aos sistemas da Rede Ecovida de Agroecologia é o processo pedagógico. O autor define esse processo como uma forma de "[...] proporcionar mecanismos e ferramentas para apoiar um desenvolvimento comunitário sustentável e orgânico, onde a autodeterminação dos agricultores pode ser potencializada" (Meirelles, 2007, p. 03).

Nunes (2012) expõe que, na concepção de Educação Popular, a formação ocorre durante o processo e não em um momento específico. Assim, instrução e educação são desenvolvidas de forma conjunta nos processos da Rede Ecovida. Isso pode ser exemplificado por Engelmann (2018), que destaca as reuniões de grupo e os encontros anuais e mensais como espaços de ampliação do conhecimento sobre a Rede e a agroecologia. Reafirmando essa ideia, Balbinotti e Thies (2019) trazem a perspectiva do grupo de base da Rede Ecovida como um dos principais momentos coletivos de reflexão e aprendizado sobre agroecologia. A partir do grupo, desenvolvem-se a experimentação e a adoção de práticas agroecológicas, além da troca de saberes.

Nunes (2012) descreve o funcionamento dos grupos de base como escolas, pois seu formato organizativo exige comprometimento, rigor no cumprimento de normas, troca de conhecimentos e responsabilização das pessoas pelo processo como um todo. Ou seja, a forma como as pessoas se relacionam entre si também educa, para além da mera transferência de conhecimento historicamente acumulado.

Entendendo que a forma como ocorrem as relações sociais educa, a Rede Ecovida "[...] se estrutura a partir do pressuposto da participação e da horizontalidade das relações entre seus membros" (Stumm, 2008, p.109). Meirelles (2007) define a horizontalidade como o compartilhamento do poder de decisão e ação, onde todos os envolvidos têm a mesma responsabilidade e capacidade de determinar a qualidade orgânica de um produto ou processo. Dessa maneira, de acordo com Stumm (2008), na certificação participativa, o agricultor assume um novo papel, além de produtor e membro de uma associação, tornando-se também construtor de um sistema pelo qual deve se responsabilizar.



Em Nunes (2012), encontra-se a ideia de que as pessoas e organizações próximas à realidade local onde ocorre o processo de produção agroecológica são as que melhor conhecem a situação e podem contribuir para as mudanças necessárias.

Um dos princípios da Rede Ecovida é "[...] estimular o intercâmbio, o resgate e a valorização do saber popular" (Isaguirre-Torres, 2012, p. 101). Corroborando esses princípios que advêm da Educação Popular, Maia (2018) chama a atenção para as feiras agroecológicas como espaço de Educação Popular para o público do campo e da cidade no tema da alimentação saudável.

A perspectiva aprofundada de Nunes (2012) sobre a fundação da Rede Ecovida de Agroecologia e as bases da "Educação Popular Ecológica" dialoga com as contribuições dos demais autores, que destacam os processos pedagógicos intrínsecos de produção e aprendizagem.

Conclusão

Podemos concluir após a análise dos trabalhos encontrados, que apesar das diferentes abordagens e análises relacionados à Rede Ecovida de Agroecologia, o processo de certificação participativa, feiras, atividades internas e intercâmbios, são atividades horizontalizadas e participativas que buscam forjar produtores agroecológicos conscientes e responsáveis dos processos inseridos, evidenciando como algumas dimensões pedagógicas da Rede Ecovida se alinham, em diversos aspectos, à Educação Popular.

Contudo, persistem questões cruciais: Faltam estudos que aprofundem a atuação da Rede Ecovida como formadora na perspectiva da Educação Popular? Ou, na prática, essa não é uma questão central para a Rede, e, portanto, não está refletida na construção de teorias? É possível que a Rede Ecovida alcance seus objetivos sem uma práxis de Educação Popular que promova a luta, a organização e a formação política? Cremos que responder a essas questões é fundamental para aprimorar as estratégias formativas da Rede Ecovida e fortalecer sua contribuição para a construção de um movimento agroecológico popular e emancipatório.



Referências bibliográficas

Balbinotti, Patricia; Thies, Vanderlei Franck. Transição agroecológica e estilos de agricultura: o caso do Pré-Assentamento Resistência Camponesa. **Revista Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2019.v22i2.354. Acesso em: 01 nov. 2022.

Engelmann, Mara Yrene. **O contexto agroecológico dos agricultores familiares e suas percepções no núcleo oeste do Paraná da Rede Ecovida**: perspectivas, avanços e desafios. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Isaguirre-Torres, Katya R. **Sistemas participativos de garantia**: os sujeitos da ruralidade e seus direitos na sustentabilidade socioambiental. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

Maia, Indianara dos Santos. **Produção e comercialização de alimentos orgânicos no assentamento Valmir Mota – PR**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia com ênfase em Agroecologia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2018.

Meirelles, Laércio. Sistemas Participativos de Garantia - origem, definição e princípios. **Revista Agricultura Ecológica de AGRECOL**, Cochabamba, Bolívia, n. 07, abr. 2007.

Nunes, Sidemar Presotto. **Influência teórico e políticas educativas da rede ecovida de agroecologia**. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

Freire, Paulo; Nogueira, Adriano. **Que fazer:** Teoria e Prática em Educação Popular. 4° Ed.. Petrópolis: Editora Vozes. 1993.



Paludo, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 97, p. 377-393, set./dez. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723770. Acesso em: 01 nov. 2022.

Passos, Marcelo. **Certificação participativa na Rede Ecovida de Agroecologia**. 2022. Conferência proferida na disciplina de Agroecologia e Certificação Orgânica do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADR) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Laranjeiras do Sul, PR, 25 abr. 2022.

Rede Ecovida. **Página inicial**. Rede Ecovida de Agroecologia, 2025. Disponível em: https://www.www.ecovida.org.br/. Acesso em: 23 jul. 2025.

Stumm, Michelli Gonçalves. **A relação entre sistemas de certificação e praticas socioprodutivas na agricultura ecológica**: o caso de Rio Branco do Sul/PR. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

Tardin, José Maria; TRAVASSO, Ronaldo. Educação Popular e Agroecologia. In: Dias, Alexandre Pessoa et al. (org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.